

PROJETO COMUNIDADES FORTES: FORTALECIMENTO DOS CIRCUITOS PRODUTIVOS PARA POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS EM RONDÔNIA

Marcel Emeric Bizerra de Araújo ¹
William Kennedy do Amaral Souza ²

RESUMO

O estado de Rondônia possui uma vasta presença, diversa de Povos e Comunidades Tradicionais, entre eles, indígenas, remanescentes de quilombolas extrativistas e ribeirinhos entre outros. Tencionando mitigar os ciclos históricos de devastação e extinção desses povos e culturas, o Instituto Federal de Rondônia desenvolve com o incremento financeiro oriundo do Orçamento Geral da União por meio de emendas de bancada o Projeto Comunidades Fortes, que tem por objetivo fortalecer os circuitos produtivos de 7 comunidades em Rondônia visando a manutenção dos modos de vida, a permanência dos povos em seus territórios originários e manutenção da floresta em pé. Por meio de visitas, rodas de conversa e assistência técnica e tecnológica o projeto tem atuado desde 2023. Este relato apresenta alguns resultados dessa tarefa desafiadora, que desloca a equipe do projeto de sul a norte de Rondônia buscando também criar ciclos de sustentabilidade na Amazônia brasileira.

Palavras-chave: Modos de vida, Amazônia brasileira, Circuitos produtivos.

RESUMEN

El estado de Rondônia tiene una vasta y diversa presencia de Pueblos y Comunidades Tradicionales, incluyendo pueblos indígenas, remanentes de quilombolas extractivos y habitantes ribereños, entre otros. Con la intención de mitigar los ciclos históricos de devastación y extinción de estos pueblos y culturas, el Instituto Federal de Rondônia desarrolla el Proyecto Comunidades Fuertes con el aumento financiero del Presupuesto General de la Unión a través de enmiendas de banca, que tiene como objetivo fortalecer los circuitos productivos de 7 comunidades de Rondônia, visando el mantenimiento de sus modos de vida, la permanencia de los pueblos en sus territorios originales y el mantenimiento del bosque en pie. A través de visitas, grupos de discusión y asistencia técnica y tecnológica, el proyecto está en funcionamiento desde 2023. Este informe presenta algunos resultados de este desafiante trabajo, que mueve al equipo del proyecto de sur a norte de Rondônia, buscando también crear ciclos de sostenibilidad en la Amazonia brasileña.

Palabras clave: Modos de vida, Amazonía brasileña, Circuitos productivos.

INTRODUÇÃO

Na Amazônia brasileira, a luta pela terra se mostra extremamente dura, afinal, o empresariado capitalista vinculado à mineração e ao agronegócio, quer dominar esta que é a maior floresta tropical do mundo. Constantemente, terras indígenas, e unidades de conservação são ameaçadas e invadidas por agromilícias. Como principais operadores da violência estão

¹ Professor de Geografia do Instituto Federal de Rondônia – IFRO-Vilhena, marcel.emic@ifro.edu.br;

² Professor de Ciências Sociais do Instituto Federal de Rondônia – IFRO-Vilhena, william.souza@ifro.edu.br;

agentes privados que se designam fazendeiros, agromilícias e grupos de pistoleiros que atuam sob encomenda. E, como explicou Matos (2021) estão com muita força:

Na Amazônia brasileira, há um empoderamento das agromilícias mercenárias no exercício de um poder paralelo nas disputas por terra, madeira e minério nas áreas públicas e nos territórios comunitários. Nas ações desses grupos ligados ao mundo “agro” está embutida as conspirações maniqueístas (“trabalhadores” versus “preguiçosos”, “progresso” versus “atraso” etc.) daqueles que estão à procura do inimigo em comum. (MATOS, 2021, p.859).

Para combater a violência e manter povos e comunidades tradicionais e camponeses em seus lugares é necessário fortalecer os modos de vida. Souza afirma que modos de vida podem ser entendido como:

(...) conjunto de práticas sociais, econômicas e culturais cotidianas compartilhadas por um determinado grupo social no processo de produção da vida material e simbólica. Como expressão da cultura, respeito aos costumes, tradições, valores, crenças e saberes que orientam as normas de convivência na vida familiar, no trabalho e em âmbito comunitário. Relaciona-se às maneiras de produzir, consumir e distribuir os frutos do trabalho, tendo em conta as formas de sentir e pensar a vida e o mundo. Os modos de vida manifestam as relações que homens e mulheres trabalhadoras, mediadas pela memória coletiva e por experiências vividas e herdadas, estabelecem entre si e com o território em que produzem sua existência. (SOUZA, 2020, p. 131).

Com o intuito de fortalecer os modos de vida, o Instituto Federal de Rondônia desenvolve o projeto Comunidades Fortes, que articula pesquisa, extensão e desenvolvimento científico-tecnológico e tem como objetivo analisar, fomentar e ampliar os circuitos produtivos das comunidades, tendo em vista a possibilidade de agregar valor aos produtos. Tais ações têm a intenção de manter os modos de vida e os povos tradicionais em seus territórios e, por consequência, manter a floresta em pé.

Já este relato de experiência, tem o objetivo de apresentar comentários sobre as ações nas comunidades atendidas pelo projeto, que são: Comunidade remanescente de Quilombo Rolim de Moura do Guaporé (município de Alta Floresta d'Oeste); Comunidade Indígena Nova Esperança do Povo Wari - Oro Nao (Terra Indígena Igarapé Ribeirão, Linha 12, município de Nova Mamoré); Comunidade Indígena Oro Eo – Wari (Terra Indígena Igarapé Lage, Linha 26, município de Nova Mamoré); Associação dos Seringueiros Agroextrativistas do Baixo Rio Ouro Preto (município de Guajará- Mirim); Comunidade ribeirinha de Surpresa Município de Guajará-Mirim); Comunidade Indígena Karipuna (Terra Indígena Karipuna, distrito de União Bandeirantes, município de Porto Velho) e Comunidade remanescente de Quilombo Pedras Negras (município de São Francisco do Guaporé).

METODOLOGIA

Por meio de visitas e do diálogo sincero com lideranças e membros das comunidades indígenas desenvolveram-se propostas de intervenção amparadas na anuência coletiva, desde 2023. No ano de 2024, se iniciaram as ações de extensão rural, oferta de cursos de Formação Inicial e Continuada e entrega de equipamentos, atendendo às demandas comunitárias e proporcionando a manutenção dos seus modos de vida. O projeto possui termos de cooperação e parceria com o a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI – RO), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio – RO) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA – RO). Por não se tratar de projeto de pesquisa e ser uma nova modalidade projeto de extensão desenvolvida no âmbito do IFRO (Macroprojetos) não houve necessidade de submissão do plano de trabalho do projeto a nenhum conselho de ética.

REFERENCIAL TEÓRICO

O nosso referencial teórico é o materialismo histórico-dialético. O fortalecimento do modo de vida de povos e comunidades tradicionais ativa a resistência ao avanço do modo de produção capitalista. Visitamos sete comunidades tradicionais do estado de Rondônia. Realizamos entrevistas individuais e coletivas semiestruturadas, “rodas de conversa” e observação das práticas cotidianas. Esses procedimentos dão base para a aplicação de ações extensionistas (cursos e assessorias) e a aquisição de máquinas, equipamentos e materiais em geral para a melhoria dos circuitos produtivos das comunidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O POVO KARIPUNA (PORTO VELHO, RO)

Ao longo da história, os Karipuna foram o povo mais atacado e dizimado em Rondônia, sendo um grupo que quase foi extinto. Os ciclos da borracha e a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré contribuíram para isso. Depois vieram os projetos de colonização agrícola da década de 70 do século passado. O resultado foi que em 2004 havia quatorze sobreviventes. Hoje são 60 pessoas que possuem seu próprio Território e procuram protegê-lo das constantes invasões. Às margens do rio Jaci Paraná, a comunidade Karipuna sofre com a ação de garimpos

ilegais que exploram o fundo do rio. Além desses, há também invasores que coletam castanhas e madeiras.

Há ainda, aqueles que invadem o território tentando se apossar de parte dele. Por ser o rio Jaci Paraná afluente do rio Madeira, a comunidade também sofreu reflexos da construção das usinas de Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira, como cheias frequentes que alagaram o antigo local de moradias, obrigando-os migrarem para locais mais elevados na aldeia. E, apesar da construção das usinas, a comunidade depende de geradores de energia fotovoltaica que, quase nunca, recebem manutenção da concessionária de energia elétrica.

Na comunidade Karipuna, os circuitos produtivos apoiados são do açaí e da farinha de mandioca. Foram adquiridos equipamentos para uma nova “casa de farinha”. No caso do açaí, foi adquirida uma despoldadeira, para acelerar o processo de extração da polpa, além de peneiras especiais, mesa seletora e máquina para embalagem a vácuo. Também foram adquiridos equipamentos de uso geral, tais como micro trator, motosserra e roçadeira, tudo isso com o acompanhamento de especialistas nesses circuitos que, em diálogo com a comunidade, definem ações e métodos para melhorar a produção.

Com a comunidade foi realizado o curso de Inglês Instrumental³, para entenderem o que os/as turistas estrangeiros(as) falam e será realizado o curso de Manutenção de Sistemas Fotovoltaicos, pelo motivo que já expusemos acima.

O POVO WARI (NOVA MAMORÉ, RO)

Há cerca de 3 anos, o povo Oro Wari das Terras Indígenas Igarapé Lage e Igarapé Ribeirão convive com a soja quase que a adentrar o quintal de suas casas. Esse avanço ainda traz uma enorme pressão sobre esses territórios, pois é aos poucos que grandes empreendimentos agrícolas destroem a paisagem e invadem as Terras Indígenas tentando se apossar de seus recursos e sobretudo do próprio território. A Terra Indígena sofre também com a ação de madeireiros e extrativistas clandestinos que vem roubar castanha-do-brasil e açaí. Na comunidade Nova Esperança, os circuitos produtivos apoiados são do açaí e da farinha de mandioca. No caso do açaí, foram adquiridos despoldadeira, peneiras especiais, mesa seletora e máquina para embalagem à vácuo. Além dos equipamentos há o acompanhamento de profissionais especialistas nesses circuitos que, em diálogo com a comunidade, definem ações e métodos para melhorar a produção.

³ Neste, e em todos os casos, os cursos foram escolhidos pelas comunidades, a partir de suas necessidades cotidianas.



Na comunidade também há artesãs que produzem cestarias a base de palhas de coqueiro e artesãos que fabricam biojóias. Ambas as atividades estavam “paradas”. O projeto organizou ações de exposição e comercialização levando as artesãs e os artesãos em eventos acadêmicos na capital, Porto Velho e isso trouxe novo impulso para a atividade. Agora as pessoas da aldeia voltaram a ter uma rotina de fabricação do artesanato e estão conseguindo vendê-lo. Com a comunidade serão realizados os cursos de Informática Básica e de Auxiliar de Agroecologia.

Assim como a aldeia Nova Esperança, a aldeia da Linha 26 é povoada pelos Wari'. Mas aqui reside o subgrupo OroMon. Também como na Nova Esperança, na Linha 26 as pessoas são alegres e receptivas sempre nos saudando com um “*awina*”, palavra que na língua *Txapakura* para além de um simples bom dia, traduz um sentimento de que “me sinto bem porque você veio aqui”. E, também como na Nova Esperança, as mazelas da Linha 26 são as mesmas: avanço das monoculturas (sobretudo a soja), ação de madeireiros, invasores que extraem açaí e castanha-do-brasil e grileiros querendo tomar o Território. Na comunidade os circuitos produtivos apoiados são do açaí e da farinha de mandioca. Assim como nas outras comunidades, estão sendo adquiridos equipamentos para uma nova “casa de farinha”. Com um diferencial: também será construída uma nova casa de farinha. A equipe do projeto conta com uma professora e duas alunas do curso de Arquitetura e Urbanismo (IFRO Vilhena) e elas se encarregaram de projetar a construção.

No caso do açaí, também foram adquiridos os mesmos equipamentos já citados anteriormente assim como o acompanhamento pelo técnico (Agrônomo). Inclusive, para o circuito produtivo da mandioca, o especialista em conjunto com a comunidade e a equipe do projeto, montou uma unidade experimental com manivas-sementes que prometem uma qualidade superior já que são fruto de pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). A produtividade da comunidade é baixa devido ao uso excessivo das manivas.

Com a comunidade foi realizado o curso de Informática Básica, já que tencionam divulgar melhor seus produtos na internet. Essa comunidade também nos chama a atenção porque é nela em que a criançada se mostra mais afeita ao diálogo e as brincadeiras conosco. Em nossas tarefas, frequentemente somos acompanhados pelas crianças, que estão sempre sorridentes, a nos impulsionar. Aliás, característica marcante nas comunidades indígenas que atendemos, as crianças participam de toda e qualquer tarefa com os adultos, seja uma atividade na roça ou uma reunião para decisão coletiva. As crianças têm vez e voz.

OS EXTRATIVISTAS DO BAIXO RIO OURO PRETO (RESEX)



A Reserva Extrativista Rio Ouro Preto foi umas das quatro primeiras unidades de uso sustentável a serem criadas no Brasil. Está localizada nos municípios de Guajará-Mirim e Nova Mamoré. A partir de Guajará-Mirim, chega-se à Reserva pelos rios Mamoré e Ouro Preto ou por estrada, através de um ramal de 40 Km que leva até o “Lago do Pompeu” às margens do rio Ouro Preto. Com uma área aproximada de 204.583 ha, a RESEX do Rio Ouro Preto limita-se ao Norte com a Terra Indígena Lage e o Parque Estadual de Guajará-Mirim; a Leste com a Terra Indígena Uru-eu-wau-wau; a Sul e Oeste com a Reserva Biológica Estadual do Rio Ouro Preto e a Floresta Estadual Extrativista do Pacaás Novos, formando assim o maior bloco de área protegida em Rondônia.

A vida na RESEX caracteriza-se por certo grau de isolamento. Por outro lado, também se caracteriza pela presença da reciprocidade, com o estabelecimento de relações de troca e intenso convívio entre os moradores locais, que se manifesta pela “camaradagem”, “compadrio”, e pela ajuda mútua, principalmente entre membros de famílias e vizinhos. Em muitas localidades da reserva ainda hoje ocorre a prática de trabalhos coletivos, tanto para atender demandas referentes a espaços de uso comum (limpeza de “furos”, caminhos etc.), quanto para demandas individuais ou familiares (construções e trabalhos de roça etc.). Na Resex, o projeto encontra certa dificuldade por conta do tamanho da área. É difícil chegar em todas as colocações. Os circuitos produtivos apoiados são do açaí e da farinha de mandioca, com a compra de equipamentos e a assessoria de profissionais especialistas nestes circuitos produtivos.

REMANSCENTES QUILOMBOLA DE PORTO ROLIM (ALTA FLORESTA D'OESTE, RO)

A comunidade remanescente do quilombo de Porto Rolim está localizada na confluência dos Rios Mequéns e Guaporé. Seu acesso imediato se dá pelo Rio Mequéns. Possui uma população de aproximadamente mil quinhentas e trinta (1.530) pessoas, segundo estimativas informais de moradores locais. O Censo 2022, identificou, no entanto, um total de cento e quinze (115) remanescentes quilombolas, no município de Alta Floresta D'Oeste, ao qual o povoado pertence na condição de distrito. O Território ainda não titulado, no entanto, possui, desde janeiro de 2006, pela Portaria nº 02, da Fundação Cultural Palmares, a certificação como Terra Remanescente de Quilombo.

Em Porto Rolim, há grandes dificuldades para a atuação do projeto. O território é disputado entre remanescentes quilombolas e indígenas da etnia Wajuru, tendo fazendeiros sulistas no meio fomentando essa disputa. Como a nossa abordagem é centrada na empiria e no



diálogo, isto é, o ir a campo para a escuta da comunidade, a equipe Comunidades Fortes apresentou a possibilidade de atender tanto os remanescentes quilombolas quanto os Wajurus, lembrando que a intenção do projeto é beneficiar, de fato, as comunidades tradicionais, ou seja, que o orçamento aplicado, pelo projeto, seja capaz de potencializar alguns dos processos produtivos locais e a partir daí, em discussão coletiva, apontar o que será útil para as atividades desenvolvidas comunitariamente no povoamento. Nesta comunidade estamos apoiando os circuitos produtivos do turismo de pesca e de polpa de frutas com os remanescentes quilombolas e o circuito produtivo do açaí com os/as indígenas Wajurus. Como nas outras comunidades estamos comprando equipamentos e fomentando o seu uso para a ampliação da produção dos itens citados.

REMANSCENTES QUILOMBOLA DE PEDRAS NEGRAS (SÃO FRANCISCO DO GUAPORÉ, RO)

Assim como em Porto Rolim, a comunidade remanescente do quilombo de Pedras Negras não tem acesso terrestre. Para chegar em Pedras Negras precisamos ir até o porto de Santa Rita e de lá viajar em barco durante 7 horas. Entre as comunidades atendidas pelo projeto, Pedras Negras é a comunidade com maior dificuldade logística. Ela está localizada à margem direita do Rio Guaporé e tem uma população estimada em oitenta e quatro pessoas divididas em vinte e seis famílias. O território não é titulado, porém, a portaria nº 28, do INCRA, de 10 de abril de 2023, em seu Art. 1º, reconhece e declara “como terras da Comunidade Remanescente de Quilombo Pedras Negras, a área de 43.911,1000 hectares”.

Por conta desse isolamento, em Pedras Negras percebe-se a manutenção de práticas culturais que remontam a ancestralidade do lugar, o que pode ser observado na manutenção dos saberes tradicionais, sobretudo em alguns aspectos para a cura de enfermidades e na prática da pesca que é a principal atividade produtiva do lugar. Importante lembrar que o rio Guaporé, onde se encontra a comunidade é divisa natural entre o Brasil e a Bolívia e para os/as moradores(as) da região estar em contato com as comunidades do país vizinho é interessante porque proporciona além da miscigenação, uma intensa troca de saberes. Para o Quilombo de Pedras Negras, que desenvolve intensa atividade turística de pesca, a discussão gira em torno da formação para qualificar os guias de turismo de pesca e que ainda potencializasse a atividade de pousadas da comunidade. Além do circuito produtivo do turismo de pesca, o projeto apoia também o circuito produtivo do urucum. Pedras Negras tem uma grande produção de colorau, girando em torno de 30% do produto consumido em Rondônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades do projeto têm um alcance significativo no contexto rondoniense ao atuar como potencializador de sustentabilidade e de permanência de povos e comunidades tradicionais em seus territórios ancestrais. As ações executadas e em processo de execução, pelo projeto, atuam de modo a consolidar as estruturas produtivas locais, que possibilitam a resistência e permanência dos indivíduos em seus territórios.

Analizamos as relações seres humanos/natureza mediadas pelo trabalho, em que os moradores das comunidades realizam sua reprodução material e imaterial, apropriando-se da natureza, mas sem perder o necessário respeito com ela. Precisamos levar em conta que todas as comunidades em que o projeto atua, estão sob ataque de toda sorte de invasores, sejam grileiros, madeireiros, garimpeiros ou posseiros. Entendemos que fortalecer os circuitos produtivos traz a possibilidade de aumento da renda desses trabalhadores e trabalhadoras e, por consequência, a chance de ficar no território aumenta. Não tomamos palavras finais ou conclusivas, mas concordamos com Bartra Vergés (2011) quando este afirma a importância desses povos para a manutenção do próprio planeta. Por conta disso, entendemos que seja extremamente necessário colaborar na luta e na defesa dos povos originários e dos camponeses e camponesas.

REFERÊNCIAS

- BARTRA VERGÉS, A. **Os novos camponeses: leituras a partir do México profundo**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Cátedra Unesco de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural, Coleção Vozes do Campo, 2011.
- MATOS, L R de. **A Amazônia na virada global da extrema direita**. Ciência Geográfica - Bauru - XXV - Vol. XXV - (3): janeiro/dezembro – 2021.
- SOUZA, W K do A. **Trabalho-Educação, Economia e Cultura em Povos e Comunidades Tradicionais: A (Re) Afirmação de Modos de Vida como Forma de Resistência**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.
- TOLEDO, V; BARRERA-BASSOLS, N. **Memória biocultural** - a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular. 2015.